

*Osman Lins:
percurso e iluminações*

Graciela **Cariello**

Diretora do Centro de
Estudios Comparativos,
Facultad de Humanidades y
Artes, Universidad Nacional
de Rosario (Argentina).

cariello@citynet.net.ar

1 História de uma paixão: primeiro encontro

Esta história começou faz trinta e sete anos, em minha cidade: Rosario, Argentina. Era 1976, e uma ditadura feroz tinha me banido das salas universitárias. Recém-formada em Letras, eu pretendia iniciar uma carreira no ensino da literatura, e o Centro de Estudos Brasileiros de Rosario, onde tinha aprendido a língua portuguesa e começado a ler a literatura brasileira, abriu-me as portas e deu-me refúgio intelectual e afetivo.

O então diretor do CEB, José Santiago Naud, poeta e estudioso da literatura, enveredou-me por dois caminhos, que seriam na verdade um só, que norteariam a minha vida profissional dali por diante: a literatura comparada e a obra de Osman Lins. Sugeriu-me ministrar um curso livre de literatura comparada, reunindo um autor argentino e um brasileiro, e deu-me *Avalovara* para ler.

Foi inevitável, na época, fazer a comparação com Julio Cortázar. No entanto, o mais importante foi *Avalovara* ter despertado em mim a admiração, o prazer literário e a paixão intelectual pela obra de Osman Lins que nunca me abandonou.

Aos poucos fui estudando e amadurecendo o método da literatura comparada à procura de novos caminhos até hoje. Cheguei a dirigir um Centro de Estudos Comparativos e orientar pesquisas da área na Universidade Nacional de Rosario. Ler *Avalovara* e compará-lo com *Rayuela*, de Cortázar, tinha sido a primeira e marcante experiência.

2 Cartas

Acabado o curso do CEB, cujo tema foi “A estrutura labiríntica e o texto aberto: comparação entre *Rayuela*, de Cortázar, e *Avalovara*, de Osman Lins”, José Santiago Naud, sem nada me dizer, enviou a Osman Lins os textos das minhas aulas. Eu havia apresentado esses textos junto com o relatório de conclusão do ano letivo. Escrevo sempre as aulas que ministro. Daquela vez tinha feito mais como indagação e procura do que como resultado.

Osman Lins escreveu ao nosso diretor cartas muito carinhosas sobre meu trabalho, e o professor Naud deu-me cópias delas. Ainda hoje as conservo como tesouros preciosos. Em carta de 16 de outubro de 1976, Osman expressou: “Geralmente, confesso, enfadam-me as abordagens ‘universitárias’, quase sempre limitadoras. O estudo da professora Graciela, entretanto, revela-se muito agudo, ágil e enriquecedor. Aliás, suas anotações não me pareceram propriamente anotações, mas um estudo que, se pode ser ampliado, já é válido como está”. Nada podia ser mais estimulante para uma jovem professora se iniciando na pesquisa de uma das obras mais sólidas do século XX.

Em outra carta, de 26 de abril de 1977, afirmava: “As prospecções mais agudas sobre esse meu livro [*Avalovara*] têm surgido fora do meu próprio país”. Hoje, felizmente, alguma coisa mudou, e existem bons críticos brasileiros da sua obra, apesar de insuficientes. Os osmanianos constituem núcleos bem localizados. Em Rosario, e diria mesmo na Argentina, fui por muito tempo a única leitora de Osman.

Ele tinha o intuito de publicar a obra crítica sobre *Avalovara* produzida no exterior, e convidou-me generosamente a participar da edição. Recebi sua carta de 29 de março de 1978 solicitando minha autorização para incluir os textos das minhas aulas em “um livro reunindo manifestações importantes sobre *Avalovara* vindas do exterior”. Com emoção, respondi logo, dizendo que a inclusão do meu trabalho no livro era uma honra para mim. E era mesmo. Lamentavelmente, Osman não chegou a concretizar seu desejo.

3 Estudos, projetos, amizade

Continuei lendo e estudando sua obra, e em 1978 concorri ao Concurso Euclides da Cunha do Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires. Obtive o segundo prêmio com o ensaio “La nueva novela brasileña y ‘Avalovara’, de Osman Lins”. A comissão julgadora, composta por Manuel Graña Etcheverry, Julio Crespo e Maria Julieta Drummond de Andrade, outorgou o prêmio em declaração de 15 de dezembro de 1978. No dia 8 de julho morrera Osman Lins, deixando inacabado não apenas um último romance, mas um dos projetos literários mais inteligentes e fundamentados da América Latina no século passado.

Na época, o Grupo Editor, de Buenos Aires, encomendou-me uma antologia de contos de escritores brasileiros vivos. Eu deveria fazer a seleção, a tradução e a organização. O livro foi organizado, e quando estava quase no prelo, em 1980, a editora, muito ambiciosa, pediu-me para indicar um romancista importante para ser publicado, também com minha

tradução. Sem nenhuma dúvida escolhi *A rainha dos cárceres da Grécia*, que eu havia acabado de ler e desconhecia ter sido já traduzido para o espanhol. Encaminhei uma carta à Melhoramentos solicitando a autorização, que foi reenviada para Julieta de Godoy Ladeira, a segunda esposa de Osman, administradora de sua obra. Julieta comunicou-se comigo, expressando, entre outras coisas, a emoção que lhe despertavam minhas opiniões a respeito dessa obra.

Ambos os projetos editoriais – a antologia de contos e o romance brasileiros – viram-se frustrados. No entanto, meu interesse pela obra de Osman Lins permanecia.

Em janeiro de 1981, ainda como professora do CEB, apresentei uma conferência no VI Congresso Nacional de Estudos de Linguística e Literatura, no Rio de Janeiro, com o título “Osman Lins e a literatura: história de uma paixão – abordagem semiológica do processo da literatura autorreflexiva”.

Aquela participação teve um significado muito especial para mim. Por um lado, era a primeira vez que proferia uma palestra para um público brasileiro, em português e sobre um dos escritores que ninguém, segundo me manifestaram, ousava analisar ainda e poucos tinham lido no seu próprio país. Houve perguntas, comentários e agradecimentos.

Por outro lado, e sem dúvida o mais valioso, tive um encontro com Julieta de Godoy Ladeira, que tinha voado de São Paulo só para conhecer aquela professora argentina que estudava a obra do seu amado Osman.

Lembro aquele almoço, num restaurante do Rio, em que falamos horas e ficamos amigas para todo o sempre. Tínhamos em comum um amor, de diversa índole, é verdade, mas amor verdadeiro. Eu amava uma obra; ela, uma obra e um homem. O homem tinha morrido, mas ela me fez conhecê-lo.

No verão seguinte, Julieta convidou-me para passar as férias em sua casa. Compartilhei com ela recordações do Osman, vi sua biblioteca, os objetos que ambos tinham amado. Muitos anos mais tarde lembraria essa experiência no poema “Cita del martes con Osman Lins”, que reproduzo no apêndice.

Julieta e eu trocamos cartas desde então. Voltei a São Paulo no verão seguinte, fiquei mais uma vez em casa de Julieta, dessa vez com minhas filhas. Depois, as cartas continuaram. Osman esteve sempre presente nelas.

4 Osman Lins na Universidade Nacional de Rosario

Com a volta da democracia no meu país, em 1983 regressamos ao meio acadêmico. Eu tinha começado a participar do Departamento de Idiomas Modernos da UNR ensinando português. Pouco depois integrei a cadeira de literatura argentina no curso de Letras. Alguns anos mais tarde, em 1991, abríamos na Universidade de Rosario o curso de Português, com o objetivo de formar professores dessa língua. Na área de literatura do curso, a obra de Osman Lins esteve presente desde o início. Sob minha orientação, como diretora do curso e também

professora titular das disciplinas de literatura, começou a se formar uma equipe de professores e pesquisadores, e Osman foi lido por alunos e docentes do curso.

Continuei com os estudos de literatura comparada, que faziam parte também da disciplina (novidade absoluta nos cursos de Letras do nosso país) – literaturas comparadas argentina e brasileira. Nela, unia os dois interesses que norteavam minha vida acadêmica: a literatura de língua portuguesa e a nossa, argentina. Vislumbrei que podia focalizar a obra de Osman comparando-a não apenas com a de Cortázar, mas com textos de Jorge Luis Borges. Essa comparação aparecia como mais rica, mais sutil e misteriosa. Foi assim que idealizei meu projeto de doutoramento, apresentado (e aceito) inicialmente, em 1996, na UFRGS. A ditadura, além de me afastar do ensino universitário, como a tantos de nós, tinha atrasado minha pós-graduação. Tarde, mas com todo o entusiasmo, decidi preencher uma etapa que me tinha sido negada.

Assim, solicitei a Julieta materiais que me ajudassem a compreender a obra de Osman Lins. Ela me indicou os lugares em que todos os materiais de Osman haviam sido arquivados. No seu último cartão, datado de 23 de março de 1997, com a fotografia de uma escultura representando uma tocadora de guitarra, ela falava da felicidade do trabalho, estimulava meu estudo da obra de Osman, convidava-me a visitá-la. No momento, não fui. Depois lamentei não ter ido: pouco tempo depois ela morreria. Ficaram comigo a imagem, as palavras, a lembrança de encontros felizes.

Finalmente, a partir de 1998 concretizei meu doutoramento na minha própria universidade, da qual não era possível me afastar na época. O curso de português reclamava minha absoluta dedicação. Mesmo assim não desisti do estudo de Osman, e em 2000, quando já devia encarar a redação da tese, consegui liberar um dia por semana para tal: a terça-feira. Dali nasceu o poema mencionado antes: “Cita del martes con Osman Lins”. A cada terça eu relia seus textos, bibliografia (escassa, ainda) sobre sua obra, confrontava seus contos e ensaios com os contos e ensaios de Borges e me perguntava por que um deles não tinha escrito romances e o outro não tinha escrito poemas... E escrevia. De toda a obra acadêmica que escrevi na minha vida nada foi tão prazeroso como a redação daquela tese. Era uma obra de inquirição, de descoberta, de amor. Sob a orientação firme e respeitosa de Zilá Bernd avancei por caminhos de leitura contrastiva em que descobria a cada passo iluminações de um dos autores sobre o outro. Em ambos os escritores eu perseguia o traço da poética da leitura. Osman, como farol seguro, ia indicando um rumo de procuras e achados empolgantes.

5 Espaços mágicos

O ano de 2000 foi especial e marcante na minha relação com a obra osmaniana. Para além de ter começado esses encontros de terça-feira com seus textos, uma experiência vital aconteceu: conheci o Recife. Era julho, mês muito significativo na vida do Osman, e eu ia ao Congresso da Abralic, em Salvador. Decidi aproveitar a viagem ao Nordeste e passei, antes

do congresso, uma semana inesquecível na terra do Osman. Não conhecia ninguém dali, mas percorria as ruas e pensava “por aqui ele andou”. Na livraria do Museu Casa de Manuel Bandeira vi a fotografia de Osman Lins junto a outros escritores pernambucanos e senti que contemplava a imagem de um amigo.

O outro acontecimento memorável foi ter ido a São Paulo, em novembro daquele ano, para pesquisar nos arquivos de Osman no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Foram dias maravilhosos de convívio com seus apontamentos, seus livros, suas próprias procuras, que orientaram as minhas.

Um momento de particular emoção foi quando achei, cuidadosamente reunidos numa pasta, meus trabalhos sobre sua obra junto com a carta em que eu autorizava sua publicação. Ele havia conservado aquela produção inicial, incipiente, insegura, que tentava indagar sua literatura já madura. Muitos anos depois, de posse de alguns poucos conceitos claros e com mais perguntas que respostas, eu me debruçava sobre meu próprio passado. Foi uma estranha sensação a retomada do diálogo intelectual que tinha sido iniciado com aquela primeira leitura de *Avalovara*.

6 Últimos trechos do percurso acadêmico

Acabei a redação da tese em outubro de 2003. Em agosto de 2004 foi a defesa. Comecei a exposição com estas palavras: “*Si no pensara que podría tomarse como una pedantería, hubiera colocado como epígrafe de mi tesis las palabras con que Osman Lins definió su propia tesis sobre Lima Barreto, es claro que cambiando la mención de este escritor por la del propio Osman: ‘Mais que uma tese, esse é o relato de uma convivência intelectual de anos com os escritos [de Osman Lins]’¹ Hoy, que debo contar la historia de mi tesis, me animo a citarlo, sabiendo que se entenderá como un homenaje y con las distancias salvadas...*” Declarava também que com esse doutoramento estava pagando uma dívida. Dívida com a universidade, sim, mas também, penso agora, com Osman Lins. A dívida contraída pela leitura da sua obra, que tanto havia influído na minha vida acadêmica, e mais, percebi depois, na minha vida literária.

Na continuidade do estudo da obra de Osman Lins fui apresentando comunicações, publicando artigos, proferindo palestras, ensinando em sala de aula. Conheci alguns “osmanianos” brasileiros: Ana Luíza Andrade, Sandra Nitrini, Hugo Almeida. Conheci as filhas do escritor em um encontro em São Paulo organizado por Sandra Nitrini.

Hoje, no projeto de pesquisa que coordeno na UNR, minha linha aborda ainda sua obra, comparada com a de um escritor argentino e a de uma portuguesa. O tema foi registrado como segue: “*La cuestión del Otro a partir del desplazamiento, y su inscripción en la matriz narrativa y en la lengua (como tema y como construcción poética) en obras narrativas de tres escritores del siglo XX: Daniel Moyano, argentino; Osman Lins, brasileño y Maria Ondina Braga, portuguesa*”. Nunca abandonei a leitura de seus livros, e a cada nova entrada no seu mundo deparo com novas surpresas, novas pérolas de sentido, novas imagens luminosas.

1 | *Rebelde solitário* – entrevista a Aureliano Biancarelli, *Veja*, 12/05/1976. Reproduzida em Lins, *Evangelho na taba*, 1979.

A maior felicidade acadêmica dos últimos meses foi uma de minhas ex-alunas, hoje colega, María Emilia Vico, ter escolhido a obra de Osman Lins como tema de tese de doutorado e ter me pedido para ser sua orientadora. O projeto, já aceito em nossa universidade, inscreve-se na linha da literatura comparada. A comparação será com Julio Cortázar. Tudo volta ao começo, mas acrescido de anos de estudos e leituras, com novas perspectivas teóricas e novas perguntas a serem formuladas, novos caminhos conduzindo a novas descobertas.

Outra felicidade, ao mesmo tempo acadêmica e literária, foi a publicação do livro *Domingo de Páscoa*,² organizado por Ana Luiza Andrade, que generosamente me tinha convidado para fazer a tradução para o espanhol do último relato publicado por Osman. O volume inclui ainda um artigo meu sobre o processo de tradução do texto. Considero que o trabalho de tradução literária é também literário, e é por isso que situo esta tradução no painel de minha própria obra literária.

7 A iluminação do percurso literário

Minha atividade literária recebeu, como expressei antes, a influência da leitura de Osman Lins, e ter traduzido *Domingo de Páscoa* provavelmente foi uma das expressões pelas quais essa influência se exerceu. Mas não só. Há pouco tempo descobri alguma coisa de mágico na relação da leitura de Osman com minha produção literária.

Sempre fui poeta, e durante um tempo escrevi para o teatro. A narrativa era um caminho que não tinha a coragem de empreender. Só agora, passados muitos anos daquela época do primeiro fascínio com os relatos de Osman, é que me aventurei por essa trilha. Foram contos e um primeiro romance. Este, já publicado, os contos, ainda não. Há também um segundo romance em andamento.

Durante muito tempo pensei que nunca escreveria contos ou romances, apesar de ter escrito e publicado alguns relatos infantis. No entanto, um dia me libertei desse pensamento negativo e comecei. Não posso provar que tenha sido Osman a me falar... Mas o fato aconteceu de modo misterioso. Foi numa viagem de volta de São Paulo, em dezembro de 2007. Eu ia lendo o romance *Moby Dick* e rascunhei umas linhas numa caderneta (comprada, aliás, em Lisboa) com o título “*Ideas para una novela*”. *Novela*, em espanhol, equivale a *romance* em português. Costumo escrever as ideias que me ocorrem, especialmente nas viagens, quando há muito tempo para pensar. Nunca antes essas ideias tinham vindo associadas à possibilidade de escrever um romance.

Em São Paulo, tinha feito parte de uma banca de defesa de tese de doutorado. O tema da tese era “Tempo de *Avalovara* (as diferentes dimensões temporais no romance de Osman Lins)”. Novamente *Avalovara* me havia inspirado um caminho a seguir. Não o acadêmico, pelo qual já andava fazia anos, pesquisando as múltiplas conexões da obra osmaniana com outras obras, línguas e culturas. Agora era pelo rumo da minha própria criação literária que ele me orientava. Soube, sem perceber de onde vinha esse saber, que era chegado o tempo

da minha produção narrativa. No sábado 2 de fevereiro de 2008, na mesma caderneta, escrevi: “*hoy empiezo la novela*”. Em março de 2009 estava concluído meu primeiro romance, que foi publicado em 2012 com o título *Nunca voy a escribir una novela*.

Em novembro do mesmo ano escrevi umas notas sobre essa experiência, das quais cito um parágrafo:

¿Qué extraña confluencia de un viaje a (y de) São Paulo, la lectura de Moby Dick y de una tesis sobre Avalovara de Osman Lins, más un bloc de notas comprado en Lisboa, y del que faltan unas páginas cuyo destino no he podido dilucidar (tal vez usadas durante la defensa de tesis en São Paulo), provocaron la decisión, a la que nunca pensé llegar, de escribir, finalmente, una novela? Lo que sé es que desde entonces, si bien no abandoné la poesía, no he dejado de escribir relatos...

Refletindo hoje sobre esse fato extraordinário, acredito ter encontrado a explicação. O conhecimento da grande obra osmaniana impedia-me de escrever nos gêneros genialmente cultivados por ele. Pensava que tudo que eu escrevesse pareceria insuficiente aos meus próprios olhos. No entanto, aprofundando-me ainda mais na sua leitura, fui descobrindo que era precisamente por ele que eu devia tentar, para provar que tinha compreendido sua mensagem, consagrando, como ele, “minha força às letras”.

Nunca escreverei uma obra como a sua, porque não sou ele. Mas a literatura de Osman Lins estará sempre presente para mim, indicando o caminho, fazendo visíveis as armadilhas, os enganos, os falsos ramais. Não como modelo a ser imitado, mas como consciência a iluminar o percurso.

Apêndice

*Cita del martes
Con osman lins*

Esta cita del martes
traza una línea transversal
y el resto
no es silencio sino espera amante.
Nunca te conocí
pero conozco a la mujer que amabas
y vi en la casa los objetos que eran de los dos.

Pero antes
te encontré en las páginas

de pájaros de luz
de Avalovara
donde se amaban hasta morir
en la alfombra que era el universo
una mujer cuyo nombre es un ícono
y un hombre que serías vos
si no fuera un personaje tuyo.

Cada martes te reencuentro en las páginas
en que siento tu voz
que imagino suave y tensa
o las voces de otros que descubren
tu palabra
cada vez, como yo
maravillados.

Es poco tiempo el martes
para amarte
pero vale por infinito instante.

Este amor de palabras
que me envuelve
me ilumina
un día por semana y me devuelve
al resto de los días
cada día
más amante y sabia.

23/05/2000 – martes

CARIELLO, Graciela. Líneas. Rosario: Ciudad Gótica, 2006.